

*Tempo de  
reacender  
estrelas*

Copyright © 2018 Librairie Arthème Fayard

Título original: *Il est grand temps de rallumer les étoiles*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

*Flavia Lago*

REVISÃO *Fernanda Simões Lopes*

*Júlia Sousa*

CAPA *Diogo Droschi (sobre imagem de Shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO *Guilherme Fagundes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP,  
Brasil**

Grimaldi, Virginie

Tempo de reacender estrelas / Virginie Grimaldi ; tradução Julia da Rosa Simões. -- 1. ed. -- São Paulo :  
Gutenberg, 2020.

Título original: *Il est grand temps de rallumer les étoiles*

ISBN 978-65-86553-29-1

1. Ficção francesa I. Título.

20-43380

CDD-843

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura francesa 843

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César . 01311-940 São

“Ela tinha olhos em que era tão bom viver que eu nunca mais soube  
para onde ir depois.”

Romain Gary, *La Promesse de l'aube*

“Filhos de mães ainda vivas, não esqueçam que suas mães são mortais.  
Não terei escrito em vão se um de vocês, depois de ler meu canto de  
morte, for mais doce com sua mãe. Amem suas mães mais do que eu  
soube amar a minha. Que a cada dia vocês lhes proporcionem uma  
alegria, é o que aconselho a partir do meu arrependimento,  
gravemente do alto do meu luto.”

Albert Cohen, *Le Livre de ma mère*



*Para minha mãe*



# Anna

— ANNA, passe aqui quando acabar! Preciso falar com você.

Amarro o avental na cintura e dou uma última verificada nas mesas antes da chegada dos primeiros clientes. Sei o que Tony quer comigo, entreouvi uma conversa sua ontem. Estava na hora.

Faz três meses que o Auberge Blanche chegou ao primeiro lugar da lista dos melhores restaurantes de Toulouse. Já trabalhávamos bastante, agora estamos sempre lotados. Mal tenho tempo de limpar uma mesa que ela já é ocupada. Sou a única garçonete da casa, Tony só consegue me ajudar quando não tem mais nada para fazer.

Segunda-feira passada, levando um *crème brûlée* para a mesa 6, meus ouvidos zumbiram, meus olhos se turvaram e minhas pernas fraquejaram. A sobremesa foi parar na cabeça do cliente e eu, no escritório do patrão.

Ele gritou comigo, como sempre, o que queria dizer que estava preocupado. Um dia ele me confidenciou que era *situs inversus*: tinha o coração no lado direito e o fígado no esquerdo. Claramente, também se comunicava de maneira invertida.

— Que merda foi essa, Anna?

— A merda de um mal-estar.

— Mas por que foi fazer isso?

— Para animar um pouco as coisas... que pergunta! A noite estava tão parada, não?

Com um longo suspiro, ele deixou a raiva para trás e passou para a fase da empatia.

— Há... e tudo bem?

— Estou melhor, vou voltar ao trabalho.

— Pode deixar, eu assumo o resto da noite. Mas esteja aqui amanhã, ok?

— Já faltei alguma vez?

Ele sorriu. Aproveitei.

— Cansei, Tony. Estou chegando aos 40, não aguento mais esse ritmo. Seria ótimo se você contratasse mais alguém.

— Eu sei, eu sei, você já me disse isso. Vou ver o que posso fazer.

Ele pegou o telefone e ligou para a amante, Estelle, para dizer que gostaria de estar com ela. Entendi que nossa conversa havia chegado ao fim.

Meu vizinho Paul me aconselhou a sair do restaurante. Ele herdou a tabacaria do pai e claramente acredita que os empregos vêm das cegonhas, que mudaram de ramo quando o mercado de bebês foi invadido pelos repolhos e pelos botões de rosas.

A verdade é que não sei fazer outra coisa. Estudei, sou técnica em contabilidade e gestão, mas descobri que estava grávida no último dia das provas finais. Mathias ganhava bem, então decidimos que eu cuidaria de Chloé. Três anos depois, quando ela foi para a creche, candidatei-me a dezenas de vagas nas áreas contábil e administrativa. Consegui uma única entrevista, durante a qual entendi que acumulava defeitos: não tinha experiência alguma, havia feito uma pausa de três anos para brincar de casinha e tinha a cara de pau de responder “não” à pergunta “tem alguém para cuidar de sua filha em caso de emergência?”. Não podia competir com os inúmeros candidatos aguerridos e ultraqualificados que não colocavam suas prioridades no fruto de seus úteros.

Então aceitei a oferta de Tony, um amigo de Mathias que era dono de um restaurante. Durante os sete primeiros anos, trabalhei somente



no turno do almoço, o que me permitia ficar com minhas filhas. Até que não tive escolha e precisei acrescentar o turno da noite.

Desço a porta do restaurante e ouço Tony chamando do escritório. Vou até lá e sento de frente para ele.

— Você sabe que gosto de você, Anna.

*Situs inversus*. Começamos mal.

— Está trabalhando comigo há quanto tempo, dez anos?

— Catorze.

— Catorze, o tempo voa! Ainda me lembro de sua entrevista, você estava toda...

— Vamos direto ao ponto, Tony.

Ele massageia as têmporas com a ponta dos dedos e suspira.

— Estelle perdeu o emprego, quero contratá-la.

— Ah! Que alívio, pensei que ouviria alguma notícia ruim! Confesso que não sei se é uma boa ideia em relação à sua mulher, mas isso é um problema seu. Ela começa quando?

Ele balança a cabeça.

— Quero contratá-la *no seu lugar*, Anna.

A informação leva vários segundos para encontrar o caminho até meu cérebro.

— Como assim, no meu lugar? Você não pode fazer isso!

— Eu sei, não tenho motivo algum para dispensá-la, embora, procurando bem, a gente sempre encontre. Mas não vou fazer isso, você não merece. Tenho uma proposta: podemos nos separar amigavelmente, assinamos um acordo e você recebe um pequeno envelope de agradecimento.

Não sei quanto tempo fiquei sem reação. O suficiente para pensar em todas as contas que já não consigo pagar. O suficiente para imaginar a geladeira ainda mais vazia. O suficiente para entender que



as ligações de cobrança dos oficiais de justiça vão aumentar. O suficiente para visualizar a cara das minhas filhas quando eu anunciar que a mãe delas está desempregada.

— Então, o que me diz?

Empurro a cadeira para trás e me levanto.

— Vá se ferrar, Tony.



AS CRÔNICAS DE

*Chloé*

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos pelos comentários. Há um ano, quando comecei esse blog, não imaginei que vocês seriam tantos a ler os pensamentos de uma adolescente insegura de 17 anos. Obrigada. <3

Chloé



AJUSTEI o gorro e dei uma última olhada no espelho. Perfeito. Protegida pela base e pelo batom, estava pronta para encarar o dia.

Coloquei os fones de ouvido e desci correndo os três andares do prédio. No térreo, a porta continuava quebrada e o vento frio encanava pela escadaria. Se ao menos soprasse para longe o cheiro de mijo...

Lily já estava no ponto de ônibus e acenou para mim. Ignorei-a e segui em frente. Mais uma manhã em que não pegaria o ônibus com ela.

Colégio para quê? Meu futuro já está decidido. Em três meses, passo com louvor no exame final do ensino médio e me inscrevo na faculdade de letras. E nunca vou colocar os pés lá dentro.

No pior dos casos, estudar custa caro; ou melhor, não compensa.

Ontem de manhã, minha mãe recebeu outra carta registrada. Ela a escondeu no guarda-roupa, embaixo das calças, junto com todas as outras, mas não sou boba. Além do emprego no restaurante, ela passa roupa para os vizinhos. Não posso continuar vivendo às custas dela. Ano que vem, começo a trabalhar.

Atravessei o conjunto habitacional, que ganhava vida. Nas manhãs, ele cheirava à esperança. Talvez aquele fosse o dia em que tudo mudasse. Um encontro. Uma ideia. Uma solução. Um novo começo.

Todas as manhãs, escrevo mentalmente meus sonhos a lápis. Todas as noites, eu os apago.

Eu cumprimentava as pessoas que cruzavam meu caminho. Faz cinco anos que moramos aqui, conheço todo mundo. Leila levava Assia e Elias para a escola. A senhora Lopez bebia o café na janela. Ahmed entrava no carro. Nicolas passeava com os dois chihuahuas. Nina corria para não perder o ônibus. Jordan não conseguia fazer sua scooter pegar. Ludmila fumava na entrada do bloco D.

— Estava esperando você — ela disse, abrindo a porta.

Ludmila mora numa quitinete, no sétimo andar. Era minha primeira vez ali. Ela fez um sinal para que me sentasse no sofá-cama.

— Malik jurou que você era de confiança — ela disse, pegando um pacote embaixo da mesa de centro. — É verdade?

— Com certeza.

— De quem você costuma comprar?

— Nunca comprei, é a primeira vez. Fumo dos amigos.

— Ok. Mostre o anel.

Entreguei o anel de ouro, e ela o inspecionou como se entendesse do assunto.

— Vale um dez, tudo bem pra você?

Balancei a cabeça com convicção para esconder que não sabia o que era “um dez”. Ela pegou um pequeno cubo marrom, embalou-o

em papel-alumínio e colocou-o na minha mão.

— Se alguém perguntar, diga que Jo vendeu pra você.

Guardei o pacote na mochila, entre os cadernos e livros do colégio, e depois me dirigi para a porta. Estava prestes a fechá-la quando Ludmila lançou:

— Ei, você não é a garota que ganhou o concurso de redação no ano passado?

Fingi que não ouvi e fechei a porta.



Lily

3 de março

Querido Marcel,

SÁBADO, para os meus 12 anos, minha dinda me deu um diário: você. Ela é sempre muito querida, acho que para compensar os dentes de ratazana, mas agora tinha ido longe demais. Para começo de conversa, nunca entendi para que serve um diário, e de todo modo ando cheia de deveres. Além do mais, ela escolheu uma capa rosa cheia de coraçõezinhos. Só faltaram as lantejoulas.

Não tinha planejado usar você, deixei-o na cozinha torcendo para que Anna ou Chloé jogassem você no lixo junto com os folhetos de propaganda, mas acabou de me acontecer uma coisa que preciso muito compartilhar com alguém, e não posso contar para ninguém. Então pintei sua capa com um marcador vermelho, coloquei um cadeado (uma garota prevenida vale mais que duas voando) e encontrei um esconderijo perfeito, mas não vou dizer onde. (Chloé, se estiver lendo isso, pare imediatamente ou vou contar para Anna que você usa os sutiãs dela.)

Aliás, seu nome é Marcel, espero que goste. Porque você é vermelho como o careca do primeiro andar, que se chama Marcel Musson.

Não sei se vou escrever muito em você. Se for como a pomada para acne, vou me lembrar dia sim dia não, mas vou tentar.

Então, lá vai.



Hoje de manhã, fiquei com dor de barriga no ônibus. Não consegui nem acabar o cereal no café da manhã, o que foi estranho, mas pensei que era por causa da prova de inglês, pois não me lembrava de todos os verbos irregulares e estava estressada. Só que depois da prova a dor continuou. Então pensei que deveria ser por causa do jantar de ontem. Eu e Chloé requentamos o ensopado que Anna tinha trazido do restaurante. Estava mais para encharcado, acredite.

Na educação física, jogamos basquete. Fiquei dez minutos gritando para o Théo me passar a bola e ele foi fazer isso bem na hora em que eu estava prendendo os cabelos. Defendi a bola com o nariz, que começou a sangrar, e o professor me tirou da quadra.

Eu estava na lateral, com a cabeça para trás, com papel higiênico nas narinas (ninguém tinha algodão), quando ouvi risadas nas minhas costas. Eram dois garotos e uma garota do nono ano, que estavam sentados nas arquibancadas e me encaravam. O baixinho de cabelos castanhos e cara de cavalo perguntou se eu tinha levado uma bolada no traseiro. Respondi que não, só no nariz. Eles riram e olharam para a minha bunda, e então entendi tudo. Aquilo explicava a dor de barriga: minha mãe tinha me contado várias vezes como funcionava a menstruação — que teve que chegar bem no dia em que estava usando calça de moletom branca.

Fui de costas até a porta do ginásio e segui até o vestiário com a bunda para a parede. Eu estava toda suja de sangue, não sabia que perderia tanto assim, minha calcinha parecia a cena de um crime. Limpei tudo do jeito que pude e usei algumas folhas de papel higiênico como proteção, mas logo vi que não seria suficiente, então achatei bem o rolo com as mãos e o coloquei dentro da calcinha.

Caminhei como um caranguejo o dia todo, o casaco amarrado na cintura, acho que ninguém percebeu nada. Preciso pedir para Anna comprar absorventes.



Beijinhos, Marcel.

Lily

P.S.: pode ser que não seja a menstruação, mas uma hemorragia cerebral saindo por baixo, por causa da bolada na cabeça, e pode ser que amanhã esteja morta.



## Anna

TODOS os nossos cafés da manhã são parecidos: proíbo a televisão, tento começar uma conversa que sempre se choca contra uma parede de silêncio e acabo me convencendo de que ter nossos olhos fixos na mesma tela é uma maneira de olhar na mesma direção.

Lily, hipnotizada por algum seriado, se serve de leite.

— Mãe, da próxima vez você pode comprar um cereal de verdade?

— Abaixar o volume, por favor. Esse não é de verdade, por acaso?

Ela abaixa a tela por um segundo e me encara com suas duas faíscas verdes.

— Você sabe que não, esse aqui não tem nem marca, parece um isopor! Os melhores são os da prateleira do meio, os da prateleira de baixo são horríveis.

Não tenho tempo de responder. Chloé passa a cabeça pelo batente da porta, lança um “bye-bye!” e desaparece. Alcanço-a quando ela está chegando na escada.

— Chloé, pode sentar com a gente por alguns minutos?

Ela se vira, suspirando. Está usando base.

— Não estou com fome.

— Eu sei, como sempre. Mas pode ficar um pouco com a gente, não? É o único momento do dia em que podemos nos ver.

— Culpa de quem, mesmo? — ela diz, me fulminando com o olhar antes de descer correndo as escadas.

Ainda estou plantada no meio do corredor quando o interfone toca. Não atendo, nunca atendo ninguém. Nove a cada dez vezes é alguém tentando vender persianas ou falar de Jeová.

Dois minutos depois, alguém bate à porta. Caminho até o olho mágico na ponta dos pés. Do outro lado, um homem com uma cara tão animadora quanto uma colonoscopia. Sei o que vai acontecer, mas não tenho escolha. Abro a porta.

— Senhora Moulineau? Bom dia, sou o senhor Raposo, oficial de justiça. Posso entrar?

A pergunta é retórica, e o sujeito entra no apartamento antes do ponto de interrogação. Ele consulta uns papéis e escolhe uma folha. Fecho a porta da sala para que Lily não nos ouça.

— Que bom que a encontrei, imagino que não tenha recebido minhas correspondências?

— Sim, recebi. Desculpe, eu...

— Então a senhora sabe por que estou aqui — ele me corta. — Está recebendo em mãos a intimação de pagamento da quantia de 5.225 euros para a Cefitis Empréstimos.

Pego documento e a caneta que ele me oferece, leio na diagonal, apoio a folha na parede e assino.

— Posso fazer uma pergunta, senhor Raposo? — indago, devolvendo o papel.

— Claro.

— Se já não consegui pagar várias mensalidades, como o senhor acha que vou conseguir saldar os 5.225 euros de uma só vez?

Ele dá de ombros e sorri com indulgência.

— Sinto muito. O credor tem sido paciente e a senhora não honrou seus compromissos.

— Juro que faço o melhor que posso! Faz anos que pago 110 euros por mês para quitar essa dívida. Só não paguei a mensalidade três

vezes porque não consegui. *Realmente* não consegui. Eles não podem exigir o pagamento integral só por causa disso!

— Podem sim. A Cefitis propôs uma renegociação, que a senhora cumpriu por um breve período. Eu poderia ter feito novas propostas, mas a senhora nunca me respondeu. Infelizmente, agora é tarde demais.

Sinto vontade de protestar, de suplicar. De jurar que não sou uma pessoa de má-fé, que tento respeitar a maldita renegociação dos prazos, aquela e a de outros credores, que tudo o que ganho vai para o pagamento das minhas dívidas, que às vezes consigo manter a cabeça para fora d'água por alguns meses, mas que sempre vem uma onda e me derruba. O carro estraga, ou a máquina de lavar, surge uma viagem escolar de Lily ou um novo tamanho de sutiã para Chloé. Algumas pessoas adoram surpresas, mas eu sonho nunca mais ter nenhuma. Sinto vontade de dizer que não gastei esse dinheiro com uma semana de férias, nem com joias. Que, se não estivesse realmente desesperada, nunca teria feito um empréstimo com uma taxa tão absurda. Gostaria de dizer tudo isso, mas a única coisa que consigo é emitir um soluço baixinho e começar a chorar.

O oficial de justiça fica constrangido, eu fico constrangida por deixá-lo constrangido. Enquanto tento me acalmar, ele tosse e coloca a mão em meu ombro, mas lembra que não sou sua amiga e começa a folhear os documentos.

— Sinto muito — ele acaba dizendo.

— E se eu não conseguir pagar, o que acontece?

Ele suspira.

— Teremos que acionar a justiça, para recuperar os valores por todos os meios à nossa disposição. Acredite em mim, haverá um processo.

— Um confisco de bens?



— Por exemplo.

— Perfeito, temos uma solução! Meu carro tem quase 20 anos, os vidros e a terceira marcha já não funcionam. Devemos conseguir 30 euros por ele, faltarão apenas 5.195. Também posso sublocar meu apartamento de três quartos nesse conjunto habitacional para famílias de baixa renda, com um elevador temperamental. Deve ser fácil, o que o senhor...

Não pude terminar a frase, a porta da sala é aberta por Lily, que tem a boca suja de leite. Ela franze a testa ao ver lágrimas em meu rosto.

— O que aconteceu?

— Nada — respondo, secando o rosto com o dorso da mão.

Ela aponta para o oficial de justiça com o queixo. Ao que tudo indica, já entendeu tudo.

— Por que está chorando? Por causa do senhor Corvo?

— Senhor Raposo — ele corrige. — Eu estava de saída, tenham um bom-dia.

Ele abre a porta, dirige-me um último olhar e começa a descer as escadas. Antes que eu feche totalmente a porta, Lily coloca a cabeça para fora e grita:

— Sua plumagem é bonita, mas seu canto tem cheiro de queijo podre!

Ela veste o casaco, coloca a mochila nas costas e desaparece.



## AS CRÔNICAS DE

# Chloé

QUINTA-FEIRA é o melhor dia para matar aula. Lily sai da escola às cinco da tarde e minha mãe não volta para casa depois do almoço — ela vai direto visitar a bisá. Tenho o apartamento todinho para mim, não sou nem irmã nem filha de ninguém. Posso fazer o que quiser, receber quem eu quiser.

Faz seis dias que comecei a sair com Kevin. Acho que estou apaixonada. Ele é legal. Trabalha na padaria que fica na saída do conjunto habitacional, sempre parece feliz quando me vê comprando pão na volta do colégio. Ele não é muito bonito, mas ultimamente tenho desconfiado dos caras bonitos.

Nossa história começou na sexta passada. Pedi a baguete de sempre e vi que ele estava no fundo da padaria, tirando uns bolinhos do forno. Ele sorriu para mim e me fez um sinal para esperar na rua. Poucos minutos depois, saiu com um cigarro nos lábios.

— Prazer, Kevin.

— Oi, sou a Chloé.

Ele tinha farinha na bochecha e olhos azuis.

— Mora por aqui?

— Sim, no bloco C.

— Gosto de ver você por aqui no fim da tarde.



Abaixei o rosto e senti as bochechas pegando fogo. Sempre fico sem jeito quando sou elogiada, é como se ganhasse um presente caro demais.

Ele pegou meu queixo e ergueu meu rosto com delicadeza.

— Saio às oito. Você vem me esperar?

Às oito horas, estava de banho tomado, penteada, maquiada, tinha provado três roupas diferentes, deixado Lily na frente da televisão e feito com que promettesse não abrir a boca, e esperava na frente da padaria.

Às onze horas, logo antes da chegada de nossa mãe, voltei para casa e repassei tudo o que tinha feito naquela noite. Os sanduíches preparados por Kevin, o banco perto do lago, sua coxa encostando na minha, sua voz murmurando que eu era bonita, sua boca na minha, suas mãos geladas entrando por baixo do meu blusão, seu corpo pressionando o meu. Eu disse não quando ele me convidou para entrar em seu carro, e senti que o havia desapontado. Ele ficou fumando em silêncio, as sobrancelhas franzidas, e então coleí meu corpo ao dele e mergulhei a mão dentro de sua calça. Ele foi legal o resto da noite.

Hoje de manhã, quando contei que teria o apartamento só para mim a tarde inteira, ele na mesma hora aceitou meu convite. Passei a senha da porta do prédio para ele, que chegou às duas da tarde. Ele estava sem farinha no corpo, era seu dia de folga. Trouxe uma caixinha. Eram cupcakes.

Sentamos no sofá, meu celular tocava uma playlist romântica. Descansei a cabeça em seu ombro e peguei sua mão. Ele acariciou minha palma com o polegar. Kevin era carinhoso. Não tinha nada a ver com os caras que eu conhecia, que só se interessavam por uma coisa, que só queriam ganhar sem dar nada em troca. Aquele pequeno gesto, que parecia tão insignificante, aquele dedo acariciando minha mão, me dava pistas de que talvez ele fosse o cara certo. De que ele

talvez se interessasse por mim *de verdade*. Que talvez fosse me encher de amor e afeto, que talvez fizéssemos planos juntos e que eu talvez me tornasse importante para ele. Eu também mostraria que ele era importante para mim. Trabalhando numa padaria, ele não devia ter muitas chances de sair com várias garotas por aí. Virei o rosto para ele e ofereci os lábios. Ele se levantou, me obrigando a fazer o mesmo, e bateu as mãos nas coxas.

— Vai me mostrar seu quarto, então?



Lily

16 de março

Querido Marcel,

ESPERO que esteja bem e que não me queira mal por ter escondido você atrás do aquecedor. Achei que estivesse desligado.

Para responder à sua pergunta, estou mais ou menos. No início do ano, não tinha nenhum problema com Manon e Juliette. Todo mundo adora as duas, principalmente porque elas são gêmeas (“pague um, leve dois”). E porque o pai delas é primo da vizinha do cabeleireiro da mãe do comediante Kev Adams, e todo mundo ama Kev Adams, menos os nerds que fazem aula de latim e grego, mas quem quer ser amado por quem faz aula de latim e grego?

Eu nem gostava nem deixava de gostar delas, mas as coisas mudaram quando as duas notaram minha existência. Tudo isso porque me candidatei para representante de turma e ninguém me avisou que Manon queria ser a única candidata. Recebi um único voto, que nem foi meu (obrigada, Clélia), então tudo fez sentido quando as gêmeas começaram a me perseguir. Bom, como não são muito espertas, elas se limitam a me passar rasteiras e atirar bolinhas de pão na minha cabeça no refeitório, mas preferia quando me ignoravam.

Durante o feriado de Natal, contei essa história para minha irmã, não para dedurar ninguém (não sou dedo-duro), mas porque ela tinha ouvido algo do irmão de Nahima (que é um dedo-duro). Fiz ela jurar



pela Beyoncé que não diria nada, ela jurou, mas foi tirar satisfação com as gêmeas na saída da escola, coitada da Beyoncé. Chloé disse a elas que eu era frágil, que aquilo me deixava mal, que elas deviam se colocar no lugar dela, que elas fariam a mesma coisa para proteger a irmã... Elas ficaram vermelhas e enfiaram o rosto no cachecol, concordando. Juliette prometeu que não me incomodaria mais, Manon pediu desculpas. Na manhã seguinte, toda a turma me chamou de “a dedo-duro” (não sou dedo-duro). Foi a primeira e última vez que compartilhei um segredo com minha irmã.

Desculpe, Marcel, tive que mudar de caneta, a outra estava falhando. Enfim, estou com pressa porque minha série favorita vai começar.

Fazia algumas semanas que as gêmeas tinham se acalmado, não sei por quê, não fui perguntar. Até hoje de manhã, na aula de química. Formamos duplas para fazer uma experiência, e Mathis ficou do meu lado, no lugar de Clélia. O problema é que ele é o namorado da Manon, todo mundo sabe, eles passam os recreios colados pela boca, parecem peixes limpadores de aquário. Enfim, olhei em volta e vi Manon me fuzilando com o olhar, respondi com um sorrisinho do tipo “não se preocupe, não vai acontecer nada”, mas ela levantou o dedo médio, imagino que tenha pensado que eu a estava provocando.

No recreio, Clélia e eu sentamos no chão do pátio coberto. As gêmeas chegaram e me perguntaram qual era o meu problema. Eu disse que nenhum, porque não tinha mesmo, mas Manon respondeu que ela sim tinha um problema, que se chamava Lily. Respondi que era engraçado, porque eu tinha o mesmo nome de seu problema. Ela franziu a testa e então tentei explicar que não queria nada com Mathis, que tinha planos que não envolviam um relacionamento sério no sétimo ano e que, acima de tudo, ele tinha um mau hálito terrível, como se tivesse comido sanduíche de queijo podre no café da manhã, por isso ela não precisava se preocupar. Juliette deu uma risadinha,

Manon ordenou que calasse a boca, depois se ajoelhou para ficar na minha altura, aproximou o rosto do meu, o suficiente para sentir que o cheiro de queijo podre se transmitia pela saliva como a mononucleose, e murmurou que eu não passava de uma galinha, como minha irmã.

Não sei o que me deu na hora, mas, talvez por influência do documentário sobre lhamas que vi no final de semana, dei um baita cuspe na cara dela. Juliette agarrou meus cabelos, Clélia agarrou os de Juliette, Manon os de Clélia e eu os de Manon. Ficamos assim, sem sair do lugar, até o recreio acabar, depois fomos para a aula de geografia.

Não sei o que ela quis insinuar sobre Chloé. Sei muito bem que minha irmã é uma chata, mas galinha ela não é.

Beijinho, Marcel, boa noite!

Lily

P.S.: não sou dedo-duro.



## Anna

— MÃE, verde! — Lily exclama.

Engato a primeira e me desculpo pelo retrovisor, mas volto a mergulhar em meus pensamentos.

Fiz as contas. Para quitar todas as minhas dívidas, preciso de 12.689 euros. É de chorar. Desde que entendi que nunca vou sair dessa, desde que meu estômago começou a fabricar úlceras e meu sono, pesadelos, meses atrás, me transformei em uma avestruz. Por que enfrentar um inimigo quando sabemos que ele vai nos derrotar?

Parei de pensar no dia em que, para renegociar uma dívida contraída a dois, e de mensalidades impossíveis de pagar sozinha, assinei um empréstimo com juros mais elevados do que a quantia solicitada. Parei de consultar meu saldo bancário porque cada boleto atrasado e cada cheque especial eram acompanhados por juros exorbitantes. Parei de abrir os envelopes. Ignorei as ligações de números desconhecidos. Vivi meses a fio anestesiando uma parte da minha vida. O despertar foi doloroso. Ele custa 12.689 euros.

— Chegamos! — Lily grita.

Estaciono na frente da casa do meu pai, os limpadores de para-brisa enfrentam bravamente o dilúvio lá fora. No banco do carona, Chloé está mergulhada na contemplação de seu celular desde que saímos do apartamento.

— Chloé, chegamos.

— Legal.

— Faça um esforço, vovô gosta muito de vocês.



Ela dá de ombros e solta o cinto de segurança. Seu queixo treme.

— O que foi, querida?

— Nada — ela responde, fazendo um esforço visível para conter as lágrimas.

Acaricio sua bochecha:

— Tem certeza?

— Sim, mãe, estou dizendo que não foi nada.

Ela sai do carro, bate a porta e corre ao encontro da irmã na entrada da casa, protegendo os cabelos com a bolsa.

Meu pai e minha madrasta, Jeannette, beijam quatro vezes cada uma de nós, para garantir caso as três primeiras não tenham ficado claras. Eles sorriem tanto que consigo ver seus sisos.

— Estávamos ansiosos pela chegada de vocês, queremos mostrar uma coisa! — anuncia meu pai, acelerado.

Jeannette, a seu lado, aplaude. A última vez que os vi nesse estado, eles tinham acabado de tatuar seus respectivos apelidos no peito. Jojô e Jajá.

Meu pai abre a porta da varanda e nos leva para o jardim.

— Sigam-me!

— Vovô, está chovendo — reclama Chloé.

— Só umas gotinhas — responde Jeannette, empurrando-nos para fora.

No fundo da casa, meu pai faz um sinal para pararmos.

— Prontas?

— Sim! — exclama Lily.

— Espere! — pede Jeannette. — Deixe que elas adivinhem!

Ele concorda, muito empolgado. Jojô e Jajá adoram uma brincadeira.

— Vocês compraram um cachorro? — Chloé pergunta, apática.

— Um tigre? — Lily sugere, receosa.

— Um carro novo?

— Está esquentando, Anna! — responde Jeannette. — Maior que um carro!

— Uma nave espacial? — Lily arrisca.

— Um trailer?

Os olhos do meu pai piscam várias vezes. Ele nos autoriza a avançar e abre os braços:

— Tadaááá!

Atrás dele, um imponente veículo branco — um motorhome — uma espécie de trailer mais moderno. Ele coloca o braço sobre os ombros de Jeannette, que parece ronronar.

— Decidimos nos dar um presente de aposentadoria. Queremos viajar para a Itália no verão. Ele não é novo, mas tem apenas 10 anos, não podíamos perder essa barganha. Entrem, deem uma olhada!

Ele abre a porta e nos faz subir na casa de férias sobre rodas, não sem antes pedir para tirarmos os sapatos.

O interior é pequeno e funcional: quarto com cama de casal, prateleiras por toda parte, sala de estar com sofá-cama, cozinha e até mesmo um chuveiro, onde só se entra com uma perna de cada vez.

Do lado de fora, pingando de chuva, Jojô e Jajá acompanham nossas reações. Faço um sinal para as meninas, que logo entendem a mensagem, e exclamo:

— Absolutamente maravilhoso, vocês vão aproveitar muito!

— E que cortinas lindas! — emenda Chloé, acariciando o tecido estampado com grandes flores amarelas.

Lily percorre o motorhome com os olhos em busca de inspiração, até que seu rosto se ilumina:

— Muito prático. É tão pequeno que dá para cozinhar fazendo cocô!

Depois de um almoço pantagruélico, passamos para a sala de estar para beber um café e Chloé se isola na biblioteca. Ao longo da refeição, seu astral havia oscilado como um ioiô, como se seu celular segurasse o fio. A cada vez que ela o consultava, seus olhos se enchiam de lágrimas ou de estrelas. As condições meteorológicas da adolescência são sempre instáveis.

Quando vou procurá-la na biblioteca, ela está sentada sobre umas almofadas lendo *O morro dos ventos uivantes*.

— Tudo bem?

— Tudo — ela responde, sem tirar os olhos do livro.

Sento-me a seu lado.

— Você sabe que pode falar comigo.

Ela dá de ombros.

— Você sabe, Chloé?

— Sei, mãe, mas...

— Mas o quê?

— Nada.

— Mas o quê, querida?

— Nada, estou bem, mãe. Pode me dar um abraço?

— Claro que posso, minha filha.

Abro os braços e ela se aninha em mim, a cabeça em meu pescoço, os cabelos coçando meu nariz. Ela roubou meu perfume de novo.

Chloé sempre gostou dos meus carinhos. Quando era pequena, só conseguia dormir comigo. Todas as noites, quando eu ia para a cama, encontrava Chloé à minha espera. Seu pai ficava louco. Eu reclamava, mas aproveitava aqueles momentos que sabia que seriam efêmeros. Ela ainda me visita à noite, dizendo que teve um pesadelo ou uma dor de

barriga. Não reclamo mais, afasto a coberta e deixo o lugar mais quente para ela, sem dizer que não precisa inventar desculpas.

Ela recua gentilmente e arruma os cabelos antes de voltar à leitura. Levanto-me bem devagar.

— Sabe, estou sempre aqui, caso precise conversar.

Saio da biblioteca e fecho a porta atrás de mim. Ela está quase fechada quando a voz de Chloé chega até mim.

— Menos quando está trabalhando.





# Anna

TODAS as manhãs, chego ao restaurante com a esperança de que Tony tenha se convencido de que sua proposta é inaceitável. Todas as noites, vou embora com a esperança de que ele seja atingido de amnésia durante o sono.

Ele não esquece. Não desiste.

— Então, mudou de ideia?

Parado atrás do balcão, ele me observa passar a vassoura entre as mesas.

— Não, Tony.

— Por que não?

— Já disse cem vezes: aos 37 anos, seria impossível encontrar outro emprego.

— Mas foi você que disse: o trabalho é pesado demais aqui! Além disso, posso ver que está cansada, fica sem fôlego, não para de se queixar.

A vassoura estaca. Volto-me para ele:

— Não brinque com isso! Não tente encontrar um motivo para me dispensar, não vai conseguir. Qualquer pessoa pode atestar meu profissionalismo. Faço sozinha o serviço de duas pessoas; se fico cansada, é porque você não quer contratar mais ninguém!

Ele se serve de uma bebida e vira o copo.

— Não vou fazer isso, sou uma pessoa correta. Se não fosse, não teria proposto um acordo. Gosto muito de Estelle, sabe, não é só pelo

sexo.

— Não me interessa — respondo, tentando não imaginar os dois.

Mãos abertas sobre o balcão, ele continua, com a voz mais suave:

— Ela é uma garota legal, gostaria muito que trabalhasse comigo. Ela disse que sim, desde que eu empregasse a irmã dela também.

— A irmã dela? Então elas vão trabalhar em dupla?

— É a ideia.

Sem abrir a boca, retomo a limpeza do chão tentando ignorar os pedidos da vassoura, que me suplica para ser atirada em certa direção.

— Anna, é por causa da minha mulher que não quer aceitar minha proposta?

— O que disse?

— É por solidariedade feminina? Ou está com ciúme?

Solto a vassoura e me aproximo dele, furiosa.

— Acha que tudo gira em torno de você, Tony? Pode dormir com Estelle quantas vezes quiser, e pode ir para cama com Estelle, sua irmã, seu avô e seu hamster se tiver vontade, não dou a mínima. Pode ser que seja uma surpresa para você, mas estou pensando em mim, em minhas filhas, em meu futuro, em minha conta bancária. Não é por você que digo, não, é por mim. Então, por favor, desista. Não vou aceitar.

Ele se serve de uma segunda dose e beberica em silêncio. Pego novamente a vassoura, para finalizar a limpeza. À medida que me movimento, minha raiva se dissipa, substituída pelo cansaço. Não passo de uma carcaça vazia quando contorno o balcão para pegar minha bolsa. Tony continua no mesmo lugar.

— Boa noite, Tony. Até amanhã!

— Anna — ele insiste. — Alguma coisa poderia fazê-la mudar de ideia?



Meus pelos se eriçam, sinto-me pronta para dar o bote. Em vez disso, encaro Tony e ouço uma voz escapar da minha boca:

— Talvez uma coisa...